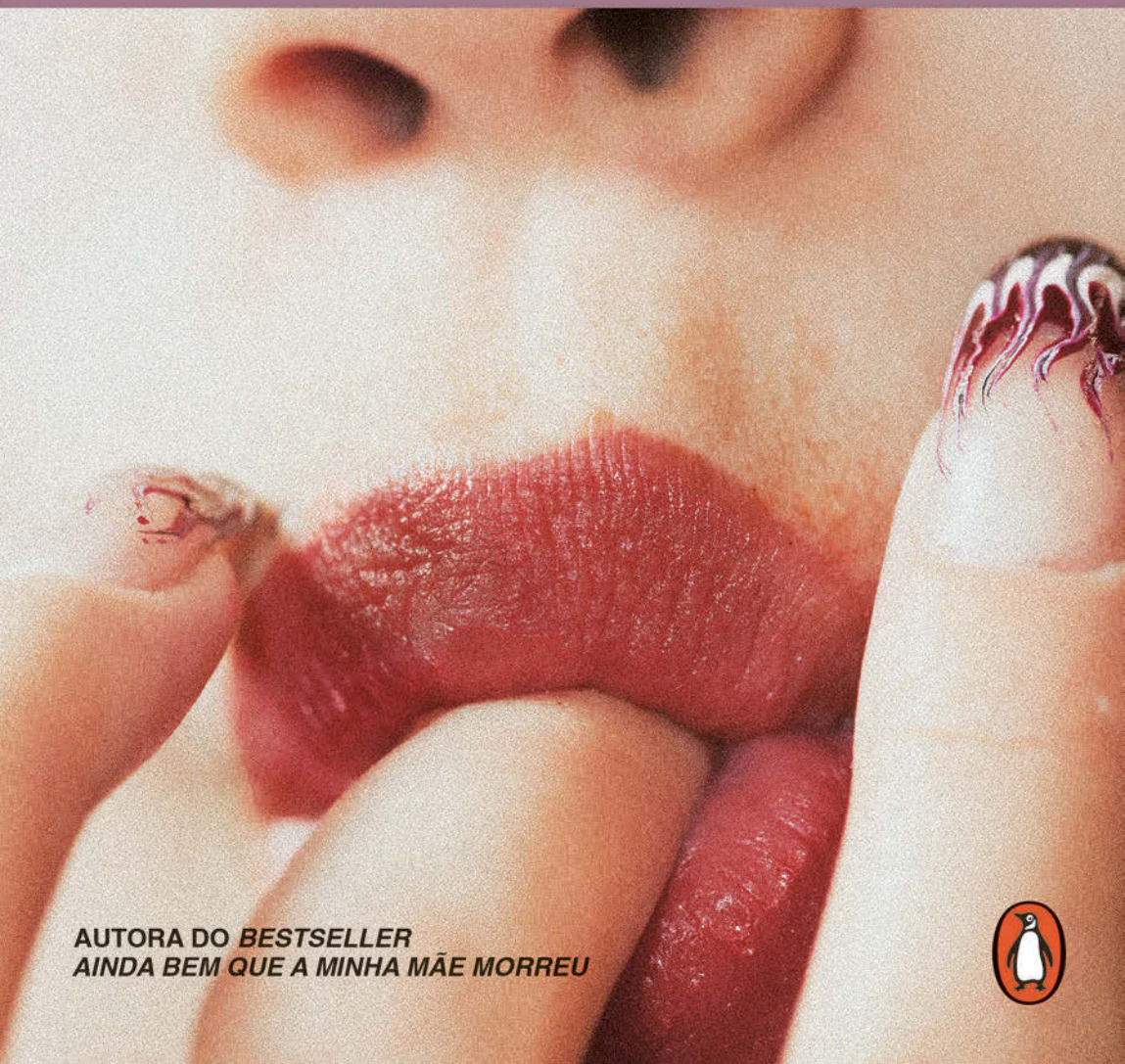


# METADE DA IDADE DELE

JENNETTE MCCURDY



AUTORA DO BESTSELLER  
AINDA BEM QUE A MINHA MÃE MORREU



*Para A. K.*

# 1

Sei que é de mau tom suspirar enquanto um rapaz nos faz sexo oral, mas, neste momento, estou com sérias dificuldades em não o fazer.

— Sabes tão bem — diz ele, lambendo os lábios.

— Obrigada.

Os dedos do Randy Julep enterram-se no interior das minhas coxas, apertando-as com mais força. A sua técnica de *cunnilingus* é francamente dececionante: está de olhos fechados e numa aparente reverência. De vez em quando, até solta uns «hmm». A língua é escorregadia e dá voltas e mais voltas, como se fosse um carrossel da feira popular, mecânico e desprovido de paixão.

— Sabes o que mais? Porque não vens até aqui?

— Não queres que continue? — pergunta-me, inclinando a cabeça para o lado.

— Não, vamos só... avançar.

— Oh, está bem, se estás certa disso. — O Randy tenta disfarçar, sem sucesso, o seu entusiasmo enquanto tira um preservativo do bolso.

Passa as mãos pegajosas pelo cabelo. O mesmo cabelo que achei tão misterioso quando nos conhecemos no verão, na festa do 4 de Julho. O cabelo que atirava para trás enquanto

bebíamos *shots* de vodca branca, vermelha e azul, comíamos maçarocas de milho assado com demasiada manteiga e nadávamos no Lago Goose, a ver o fogo de artifício ilegal a explodir no céu. Naquele dia, achei o cabelo dele tão intrigante e tão sedutor. Agora, acho-o apenas oleoso.

— Precisas de ajuda com isso? — pergunto, ao ver que está com dificuldade em rasgar o invólucro.

— Hmm, não te importas de ajudar?

Atira-me o pacotinho, eu abro-o e atiro-lho de volta. O Randy despe os *boxers* e deixa-os caídos a um canto.

Fecho os olhos e imagino que estou noutra sítio qualquer, com alguém com quem sinta uma ligação genuína, alguém que me entende e que eu entendo. É uma pena. Por um instante, ainda pensei que o Randy podia ser essa pessoa. É um rapaz calado e sorumbático, o que me levou a presumir que os seus pensamentos deviam ser tão arrebatadores que nem os conseguia verbalizar, sob pena de se esfumarem.

— As tuas mamas são tão bonitas — elogio.

— Obrigada.

— Tão bonitas — repete, amassando-as e esmagando-as com os dedos, como uma criança com uma bola de plasticina. — O teu corpo é todo tão...

— Obrigada — volto a agradecer, hesitante.

Talvez o meu corpo seja bonito. Não tenho como saber, já que, nos dois anos desde que obtive esta última versão, estive mais ocupada a lidar com ele do que a apreciá-lo. Preciso de o depilar, raspar ou proteger, esfoliar, barrar ou enfiar tampões de algodão dentro dele. Ando constantemente a fazer alguma coisa ao meu corpo para o impedir de se comportar conforme deseja. O meu corpo quer exsudar, explodir ou sangrar, produzir demasiado pelo nos locais errados e pelo a menos nos locais certos.

Ainda não estou muito acostumada a este corpo novo, com novas curvas e estrias, a esta silhueta irreconhecível. Sinto que o meu corpo mais pequeno e plano já não conseguia conter tudo o que guardava dentro de si e, de repente, decidi expandir-se para ter mais espaço. Agora, o meu corpo está avançado em relação à minha mente, que precisa de se apressar para o acompanhar. Tem de perceber que não está num alojamento temporário. Esta é a nossa nova casa, mesmo que ainda pareça um lugar estranho.

— Estás preparada? — pergunta-me o Randy, semicerando os olhos com uma intensidade estranha.

Tenho vontade de lhe recordar que isto não é uma missão da *Apollo 13*. Somos só dois miúdos prestes a foder numa cama de casal.

— Sim — respondo, com a voz murmurada e sensual que sinto que devo usar num momento como este.

O Randy entra em mim e começa a movimentar-se num *staccato* (*bam, bam, bam*), tal como todos fazem; ou, pelo menos, como fizeram os três rapazes com quem já fui para a cama, todos com as suas ereções impacientes e a acariciarem o meu corpo como se procurassem, atarantados, as chaves do carro. Sem paixão, sem conexão. Só suor, investidas e genitais. Partes do corpo contra outras partes do corpo.

Não é tanto por falta de esforço ou tentativa. Eles esforçam-se, e eu também. Mas não importa a quantidade de cuspo ou sémen, carícias ou simulações, minetes ou broches, apalpões ou provocações, o sexo nunca é tão satisfatório como deveria ser. Parece-me sempre hesitante e superficial, desajeitado e encenado. Uma lembrança flagrante de que os corpos e os desejos das pessoas são como peças de um *puzzle* que não encaixam.

No fim, eles voltam a apertar as calças, eu volto a apertar o *soutien*, enquanto aceito o silêncio constrangedor e o facto irritante de que me contentei com prazer quando o que queria era uma ligação profunda. Irrita-me não conseguir dizer nada disto em voz alta, por isso resigno-me e vamos comer um gelado.

Talvez seja eu. Talvez seja um problema meu. Quando tinha sete anos, a minha mãe disse que eu era uma criança difícil de amar, e isso ficou-me para sempre gravado no pensamento, apesar de, vinte minutos depois, me ter jurado que não era bem aquilo que queria dizer e de, dois dias depois, negar que alguma vez o dissera.

— Percebeste mal — explicou-me, quando falei do assunto durante a nossa ida semanal ao corredor das promoções, para comprarmos comida processada (pacotes gigantes de *Cheetos* e *Sun Chips*, um frasco de manteiga de amendoim *Skippy* e um par de caixas de macarrão com queijo, que acabavam sempre por passar de validade antes de as comermos) e outros bens essenciais (pasta de dentes, papel higiénico e sacos do lixo tão finos que se rasgavam se os enchêssemos demasiado), além de um ou outro produto novo a que a minha mãe não conseguia resistir (um creme hidratante para pés secos ou outro artigo qualquer que tivesse a palavra «*detox*»).

— Não sei se percebi mal. São palavras bastante fáceis de entender — respondi.

A minha mãe pôs uma pastilha elástica na boca e começou a mascar.

— Bem, lá por serem palavras fáceis de entender, não quer dizer que as tenhas entendido corretamente.

— Desculpa.

— Não faz mal. Só quero que saibas que nunca disse isso.

Talvez tenha dito que és uma criança um pouco difícil. Porque és: precisas de muita atenção e és muito intensa; no entanto, digo-te isto porque estou a ser honesta, não porque sou má. Seja como for, nunca disse que eras difícil de amar.

*Problema resolvido*, pensei na altura. *Não sou difícil de amar, só preciso de muita atenção e sou muito intensa*. A seguir, peguei num livro de colorir que já queria há algum tempo, mas repensei e voltei a pô-lo na prateleira. Talvez querer coisas fosse um sinal da minha intensidade e exigência. Se quisesse menos, talvez fosse uma pessoa de intensidade moderada. Como devia ser. Não demasiado, mas mediana. Alguém que seria mais fácil de amar.

Transportei esta abordagem para os meus três relacionamentos, se é que lhes posso chamar assim, embora provavelmente não possa. Tentei nunca pedir demasiado e esperar ainda menos. Tentei fazer com que os rapazes se sentissem engraçados, mesmo quando contam todos as mesmas piadas, que se sentissem inteligentes quando têm todos os mesmos pontos de vista, que pensassem que têm razão quando basta uma pesquisa rápida no Google para confirmar que estão errados. Tentei rir-me nos momentos certos, sorrir quando devia e elogiar quando o momento o exigia. Abafei a minha personalidade até não ser mais do que uma sombra de mim mesma e pensei que estava tudo bem assim, desde que o meu corpo estivesse à altura, com entusiasmo e desejo, pronto para tocar, apalpar, lambe e chupar. Mas, quanto mais tento, mais me apercebo de que não é possível. Um corpo não consegue ligar-se a outro de forma automática, nem encontrar uma centelha de emoção que não existe, nem tão-pouco forçar uma química que não sente. Talvez até seja possível retirar algum prazer, mas chega um momento em que o corpo diz simplesmente que não quer mais.

Como o meu me está a dizer neste instante.

— ‘Tou-me a vir! — grita o Randy ao meu ouvido

E vem-se. Pelo menos, fez o que disse que ia fazer. Ainda consigo apreciar a resolução nas suas palavras.

Sai de mim a arquejar. Olho em redor e vejo a mesa de cabeceira — o prato com crostas de *pizza* que já ali estava das últimas vezes em que lá estive, o livro *A Arte Subtil de Saber Dizer Que se F\*da*, com os cantos das páginas dobrados e virado para cima, como se se sentisse orgulhoso de o ler. Olho para as prateleiras da parede, cheias de troféus de futebol americano e a tríade de cartazes cinematográficos colados ao lado: *Scarface*, *Tudo Bons Rapazes* e *Pulp Fiction*. A Santa Trindade. Qual é a cena dos rapazes com estes três filmes? É que são sempre os mesmos.

— Alguma vez sentes que a tua cabeça e o teu corpo te dizem coisas diferentes? — pergunto-lhe.

— Hmm... — hesita o Randy, fitando-me, desconcertado. — Não. Nem por isso. Tu sentes?

— Eu? Não... nem por isso — concedo. É perturbadora a frequência com que a concordância passa a cedência.

Tira o preservativo e, a seguir, atira-o para o cesto dos papéis como se fosse uma fisga; até semicerra os olhos para fazer pontaria. Pelo menos, consegue encestar. Já que vai atirar a sua descendência para o lixo, mais vale acertar. Pega numa meia usada caída na alcatifa e começa a limpar-se com ela.

— Randy, ouve uma coisa — ouço-me dizer, com uma voz distante e inexpressiva, enquanto visto as calças de ganga.

— Sim? — diz ele, ainda a limpar os restos de sémen à meia.

— Acho que devíamos... — Faço uma pausa enquanto procuro as palavras certas.

— Acabar? — sugere com descontração, atirando a meia para o cesto da roupa suja. — Para ser sincero, estava a pensar mais ou menos na mesma coisa...

— Ótimo, então.

— Ótimo. Ainda bem que conseguimos ser tão maduros em relação a isto — afirma, com um cintilar nos olhos. Deixa-se cair na cama e cruza os tornozelos, pega no telemóvel e solta uma gargalhada ao ver um vídeo qualquer que um amigo lhe enviou.

— Vemo-nos por aí — digo por cima do ombro, ao sair do quarto dele.

— Sim — responde, sem sequer olhar para mim.

E pronto. Não me ocorre uma separação tão pouco cerimoniosa. Não há lágrimas, porquês, nem promessas de mudança. É apenas um fim simples, sem dramas. Mais uma experiência breve, amarrotada e atirada para o lixo. Ou para o cesto da roupa suja.

## 2

Quando chego a casa, descalço-me, vou à casa de banho e ponho o papel higiénico no balde, porque andamos sempre a lutar contra os canos entupidos. Lavo as mãos com o sabonete favorito da minha mãe, aquele de lúcia-lima que ela compra na Bath & Body Works por vinte e sete dólares a unidade. Lavo a louça e ponho roupa na máquina; a seguir, aqueço uma lasanha *Stouffer* no micro-ondas e procuro na ilha da cozinha o último bilhete que a minha mãe me deixou:

*Waldo — vou passar a noite na casa do Tony. Tens lasanha no frigorífico. Espero que amanhã tenhas um excelente primeiro dia de finalista. Viva, estás no último ano, querida! Estou muito orgulhosa de ti! Beijinhos, mãe.*

Não sei por que razão ainda se dá ao trabalho de me deixar bilhetes escritos quando me podia enviar mensagens — deve achar que assim é mais pessoal —, mas também não sei por que razão os guardo. Também devo achar que são um bom toque pessoal.

Vou para o quarto com a lasanha e o bilhete, que guardo numa caixa de joias cheia deles, e a seguir escaldo a língua com a primeira garfada de comida. Vejo tutoriais de dez passos para

cabelos encaracolados no YouTube que parecem tão complicados que acho que vou voltar a fritar o cabelo com secador e ferro de alisar todos os dias e lidar com a autoaceitação depois. Mudo para um vídeo de uma rapariga da minha idade que vai comprar roupa em segunda mão, depois vejo o JFK a levar um tiro nos miolos na parte de trás daquele descapotável, a seguir uma guru de beleza que gastou setecentos dólares em produtos na Sephora e os está a mostrar um por um. Sigo os *links* na descrição do vídeo enquanto ela conta que tem um problema e vai ter de desinstalar a aplicação da loja para não continuar a gastar tanto dinheiro em vários tons de produtos que ainda nem experimentou.

Mando vir os mesmos tons de *blush* em creme que ela comprou. Menos o *Venetian Rose*, que está esgotado e que, de qualquer maneira, ficaria demasiado escuro na minha pele clara. Sei que um *blush* não vai transformar a minha vida, mas continua a ser agradável imaginar que sim, pelo menos durante os três dias em que os produtos demoram a chegar. É agradável imaginar que a única diferença entre mim e a Margot Robbie é um tom de *blush*. É agradável acreditar em promessas, mesmo que sejam vazias e feitas pelos rostos de beleza padronizada que aparecem nas embalagens dos produtos. Especialmente nessas. Há qualquer coisa na forma como parecem tão seguras naquelas letras bonitas e pequenas que as torna mais credíveis do que as que saem da boca das pessoas.

Preencho os dados de entrega e o modo de pagamento, e sinto o coração a bater mais depressa quando avanço para o fim da página até ao botão vermelho e atraente que diz «Comprar». Carrego nele e o meu corpo é imediatamente invadido por uma combinação de arrependimento e entusiasmo. A mistura é tão potente que não deixa espaço para

os sentimentos que possam existir nas profundezas do meu pensamento.

Acabo a lasanha, com as papilas gustativas que sobreviveram ao escaldão da primeira garfada, e, a seguir, lavo o rosto, os dentes e espremo borbulhas que sei que devia deixar em paz. Deito-me, mas, como não consigo dormir, entretenho-me a fazer *scroll*.

Acabo a noite a encher o cesto de compras na Shein, apesar dos efeitos nefastos da *fast fashion*, porque é a única loja *online* onde se consegue comprar um par de calças por doze dólares. Todos os artigos têm advertências sobre materiais potencialmente cancerígenos, coisa que agradeço, porque me ajuda a estabelecer prioridades no meu cesto. Calças de veludo? Não valem o risco de cancro. Mas aquele *top* curto? Esse fica.

### 3

— Sou um fracasso — é a primeira coisa que nos diz. — Um fracasso absoluto.

Sim, é dramático, mas faz com que largue o telemóvel, o que é mais do que se pode dizer do resto dos professores. Todos tentam forçar a interação nas aulas, ser nossos amiguinhos, contando piadas discretas sobre o diretor Sanders. O pânico da sua obsolescência cada vez maior transparece em cada uma das palavras, como se a aprovação de um punhado de miúdos da Geração Z com as hormonas descontroladas significasse que ainda são pessoas relevantes. Que continuam em altas. Que continuam a ser seres humanos dignos.

— O meu sonho não era isto — diz o professor Korgy enquanto caminha para a frente e para trás por entre as carteiras, os sapatos formais a marcar um ritmo suave e constante no chão. — Eu queria ser escritor. Romancista. Mas não conseguia lidar com a falta de segurança que uma carreira dessas implica. Não me imaginava a tolerar o rendimento monetário inconsequente, instável. Nem tão-pouco a rejeição constante. O escrutínio dos amigos dos meus pais. *Então, campeão, como está a correr o novo romance?* Não queria a incerteza. Escolhi poder comprar comida tailandesa no restaurante da esquina sem estar a pensar muito no dinheiro nem me contentar com caixas de

*ramen* pré-feito. Escolhi ir com os meus amigos ao estádio em vez de submeter os meus contos para publicação. Escolhi ficar a ver a minha série de televisão favorita e não acabei os rascunhos. Escolhi o conforto em vez de apostar em mim mesmo.

Sinto-me instantaneamente atraída pelo professor Korgy. Esta sensação é tão súbita que me deixa alarmada. Tão palpável que me confunde. Não que ele seja evidentemente atraente. É notório que já foi um rapaz muito bonito. *Foi*, pretérito perfeito. Agora, o seu encanto dissipou-se. Atrofiou. Murchou com a decadência violenta da meia-idade. Tudo o que resta são os olhos profundos e o sorriso encantador, os últimos resistentes do que foi um dia um rosto bonito.

Os rapazes com quem me envolvi eram todos agradáveis à vista. Talvez não tão bonitos como os miúdos de rosto esculpido e abdominais rijos e acabados de desenvolver da equipa de futebol, mas como aqueles miúdos que, com as suas características marcantes — lábios carnudos, pele bronzeada e cabelo despenteado —, fazem com que as raparigas fiquem com as cuecas húmidas. Ainda assim, o que sinto de imediato pelo professor Korgy é mais intenso do que qualquer outra emoção que senti por eles.

Por isso, acho que a atração e a beleza são conceitos distintos. Talvez o que senti no passado tenha sido apenas... apreço por um bom corpo, uma cara ou um corte de cabelo. E talvez *isto* seja a atração. Um conceito mais primitivo, que faça menos sentido.

— Por que razão vos estou a contar tudo isto? — pergunta o professor Korgy, enquanto se aproxima da sua secretária. — Porque nesta aula não quero que a vossa escrita seja exibicionista, fixe ou sofisticada. Quero que sejam sinceros. E, se vos peço que sejam sinceros, acho que é justo que eu faça o mesmo.

Puxa as calças um pouco para cima e encosta-se à beira da secretária.

E aqui está ela. A minha verdade. A verdade sobre como cheguei aqui, sobre quem sou hoje, um homem com quarenta anos, professor de Escrita Criativa dos finalistas da Escola Secundária de Anchorage, no Alasca. Quero que saibam a verdade sobre por que razão me sinto um fracasso.

Sinto a vagina a pulsar. Não por ele ser um fracasso. Não conheço ninguém cuja vagina palpitasse com uma informação desta natureza. O que me afeta é que ele seja capaz de dizer que é um fracasso. Por conseguir ser honesto a respeito dos seus arrependimentos, estatuto e defeitos. Por não os mascarar como toda a gente o faz, fazendo de conta que estão satisfeitos com um trabalho das nove às cinco e umas férias uma vez por ano, para o destino que estiver em promoção no Kayak. Pelo orgulho em pagar os impostos a tempo e horas e em ter sempre uma lanterna a pilhas na «gaveta de emergências» ao lado de um tubo de *Bacitracina* e um carregador de telemóvel extra. À minha frente está alguém que encarou corajosamente a real desilusão de como a sua vida se tornou e que está disposto a ser direto e vulnerável a esse respeito.

Observo o cabelo a escassear e os poros do professor Korgy. Os derrames de sangue que transparecem ao lado das narinas. O maxilar suave e as rugas em redor dos olhos. Olho para as feições que à partida não seriam atraentes e sinto-me atraída. Tão atraída. É uma atração dolorosa. Inebriante e inevitável. O tipo de atração que já sabemos que nos vai levar a cometer alguma loucura, embora não saibamos como.

## 4

Abana o peito mesmo em frente à minha cara e dá uma volta sobre si no interior do provador às riscas cor-de-rosa.

— Ohmeudeus, este fica-me muito melhor! Olhe para as minhas mamas! — diz ela.

Depois de um dia inteiro cheio de clientes rabugentas a exigirem artigos esgotados enquanto se borrifam com metade de um frasco de água-de-colónia de maracujá, precisava desta lembrança dos benefícios de trabalhar na Victoria's Secret: ajudar as mulheres a sentirem-se melhor consigo mesmas. Não é preciso muito. Por vezes, basta um *soutien* que se ajuste bem ou puxar as mamas para cima; com isto, a autoestima sobe logo.

A maior parte das lojas do centro comercial foram fechando ao longo dos anos, a Dick's Sporting Good, a Barnes & Noble, a Claire's, porque já ninguém joga na rua, ninguém lê e os pais não deixam os miúdos de dezasseis anos fazerem furos nas orelhas. Foram tantas as lojas a fechar que, exceto na Black Friday ou no dia a seguir ao Natal, o centro já tem um ar pós-apocalíptico. É loja atrás de loja vazia, alcatifa arrancada, portões fechados, cartazes de «liquidação total — tudo com 75% de desconto» pendurados meio tortos nas montras. As que restam são as que vendem autoestima às mulheres, seja em frascos (Lush), garrafas (Bath & Body Works), maquilhagem (Sephora), malas

(Michael Kors) ou roupa interior (Victoria's Secret). E também ainda temos uma praça de alimentação.

— Aquelas cabras da Macy's andam a dizer-me há anos que sou um 36C... até parece — comenta a senhora, com um estalido da língua. — Por amor de Deus, tenho cinquenta e oito anos e só agora é que tenho o primeiro *soutien* que me assenta bem. Posso fazer um elogio seu à gerente ou a alguém responsável?

— Bem, se fizer a compra, depois pode ir à página da loja, que está no fundo do talão. Se quiser, pode preencher uma nota de elogio. Ou não. Não se sinta pressionada.

— Pressionada? Por favor, querida. Não se diminua com essa história da pressão. Está a ouvir? Não gosto quando as mulheres não reconhecem o seu próprio valor; fico cheia de urticária.

— Oh, desculpe.

— Não me peça desculpa que só piora as coisas. Porque está a diminuir-se ainda mais — responde-me. — Deixe-me perguntar-lhe o seguinte: sabe o seu valor?

A pergunta apanha-me de surpresa, sobretudo vinda de uma senhora que está à minha frente em *topless*, com as pontas do cabelo espigadas e uma noção estranha de espaço pessoal. Por outro lado, não sei a resposta. Nem entendo bem a pergunta, para ser franca. O que significa? Como sabemos o nosso valor? O que constitui o valor? Sou uma miúda de dezassete anos com notas medíocres. Vivo num apartamento de noventa metros quadrados com a minha mãe solteira. A maioria dos alimentos que ingiro vem de lojas de conveniência. E sei que as pessoas dizem que o valor é algo que nasce connosco, algo que faz parte da nossa natureza, da nossa condição de seres humanos, mas não sei se será o meu caso.

As pessoas são muito minuciosas sobre o que significa ser-se humano. Somos pessoas e pronto. Somos criaturas um pouco nojentas que cagam, se peidam e fodem. Ingerimos demasiados laticínios e procuramos o significado da vida nos nossos *iPhones*, enquanto levamos às costas, pelo menos, uma doença mental não diagnosticada. Somos pessoas que, se calhar, não valem tanto quanto isso. No entanto, sinto que esta resposta é um pouco intensa demais para partilhar com a senhora, por isso limito-me a assentir e a dizer:

— Sim, acho que sei.

## 5

Descalço-me, vou à casa de banho, lavo as mãos, aspiro o chão, ponho uma caixa de rolos de *pizza* no micro-ondas e procuro na ilha da cozinha.

*Fofa — fico no Tony e depois faço o turno da noite. Comprei-te um brownie. Tenho saudades tuas, querida.*

*Beijinhos, mãe*

Os rolos de *pizza* explodem, mas como as crostas mesmo assim; depois limpo o recheio de queijo do interior do micro-ondas e vou para o meu quarto com o *brownie* e o bilhete da minha mãe. Guardo-o na caixa e como o bolo; a seguir, visto umas calças de fato de treino e uma *t-shirt* gigante dos Nirvana, apesar de não conhecer uma única canção da banda.

Uma vez na cama, transformo-me no demónio alimentado pela Internet e fico ali, das dez da noite às duas da manhã, com a luz azul a entranhar-se-me nos poros, enquanto o calor duvidoso do portátil se projeta no meu rosto e no colo, escaldando-me os ovários.

Vejo *vlogs* de adolescentes podres de ricos com penteados embaraçosos a oferecerem *Ferraris* a desconhecidos, cortesia do dinheiro que ganham no YouTube. Depois, mudo

para uma série de vídeos sobre o 11 de Setembro, em que as pessoas saltam para a morte das torres em chamas. Vejo uma mulher a meio dos trinta que se dedica a organizar a gaveta das meias. Vejo coreografias antigas de ginástica nuns Jogos Olímpicos, vídeos em que pessoas tentam adivinhar se o seu *gaydar* está apurado ou não ou se conseguem identificar quem fez cirurgias plásticas. Vejo lontras marinhas aninhadas umas nas outras e uma mãe a ser interrogada pelo homicídio de um filho — e a posterior confissão de que, sim, afogou a criança que mal andava na piscina de borracha que tinha no jardim.

Depois passo para as compras. Abro separador atrás de separador. Faço-o com fúria, violentamente. Corro tudo: Shein, Forever21, Princess Polly, Amazon, Target, H&M, Zara, YesStyle, Boohoo. Encho carrinho de compras atrás de carrinho de compras. *Tops* curtos, calças, camisolas e casacos de malha, botas e pulseiras, calças de ganga baratas que tenho a certeza de que cheiram a formaldeído. Passo freneticamente de um separador para outro e verifico a aplicação do banco. Tenho cento e noventa e sete dólares na conta e só recebo na sexta-feira. Tenho pouca gasolina no carro e preciso de ir comprar tampões, além das compras de supermercado que a minha mãe se esquece sempre de fazer. O *site* da Forever21 está com setenta por cento de desconto, por isso, Forever21 será. Gasto cem dólares com um único clique e sinto uma onda de culpa, o que me faz perceber logo que peças são um erro. Onde vou usar um quimono ou como vou ficar bem com culotes? Por que razão este tipo de consciência só está ao meu alcance depois de carregar no botão de «Comprar»? Talvez seja necessária dedicação para se perceber que não nos devíamos ter comprometido com aquelas compras.

Atualizo o *e-mail* agressivamente, à espera da confirmação da compra, mas começo a sentir os olhos pesados e adormeço, com o portátil a pesar-me no colo como uma almofada de calor.

## 6

A segunda aula do professor Korgy é uma lição sobre como os grandes poetas encontram o universal no particular. A saliva voa e as suas mãos gesticulam, mas, não obstante a sua paixão, os alunos estão-se nas tintas para a poesia. Brincam com os pés uns dos outros, observam as unhas, fazem rabiscos nos cadernos. Não o ouvem nem o veem. Mas eu vejo. Vejo a tristeza nos seus olhos e o desejo profundo de que as suas palavras façam sentido. Que nos relacionemos com elas. Talvez a paixão seja apenas isto — a tristeza e o desejo de ligação.

Tenho andado a fantasiar com ele toda a aula. São fantasias que nem sabia que tinha em relação a coisas que não sabia que queria. Fantasias perversas.

Imagino que consigo pôr o seu aroma num frasco e que me perfume com ele, para poder ter o seu cheiro — pinho e almíscar com um débil toque de suor.

Imagino que lhe levanto a camisa e acaricio a barriga saliente. Que a vejo abanar. Que admiro os pelos encaracolados da barriga e que os lambo logo a seguir.

Imagino que me ajoelho por baixo da secretária dele e lhe desaperto as calças, ouvindo o ruído da fivela do cinto a bater no chão, enquanto estendo a mão por dentro dos *boxers* para

segurar nos testículos enrugados. Acaricio-os e brinco com eles até estarem rijos e mais animados.

Nunca desejei as partes pudendas de ninguém. Só as partes boas. As partes suaves, limpas, cuidadas, apumadas e cheirosas. Mas com ele quero tudo. Até as partes nojentas. Sobretudo essas.

— Para o vosso primeiro trabalho, quero que escrevam um poema — diz o professor Korgy, encostando-se à beira da secretária. — Um poema curto e simples. Deve começar com as palavras «Venho de». O resto é convosco.

Dá o toque de saída.

— É para entregar na quinta-feira — acrescenta, levando a mão ao rosto para colocar uma madeixa de cabelo atrás da orelha. A aliança grossa de prata reflete a luz do teto e encandeia-me os olhos.

## 7

— Não posso crer que não me contaste! — exclama a Frannie enquanto atravessamos o relvado da frente em direção ao parque de estacionamento da escola.

— Oh, porque não é nada de especial. Também nunca tivemos nada muito sério nem nada.

— Ainda assim! Uma separação é uma coisa importante, seja com a tua alma gémea ou com o Randy Julep — responde-me, antes de parar e me agarrar no braço, obrigando-me a parar também. Os seus olhos doces estão mais arregalados do que é costume e o tom de voz torna-se grave. — Waldo, tu és a minha melhor amiga...

Arrepio-me com a expressão, que ela usa tão habilmente como uma arma, como a boneca ameaçadora que ganha vida no fim de um filme de terror e se encaminha na nossa direção com os olhos verdes predadores. A. MINHA. MELHOR. AMIGA.

— ... e as melhores amigas contam tudo uma à outra.

Também me arrepio com isto, com a forma pausada com que pronuncia as palavras, a entoação que lhes confere. Antes, achava o modo de falar da Frannie engraçado, querido. Agora acho-o irritante. Muito.

Quando nos conhecemos, éramos inseparáveis. Na escola preparatória, ia à casa dela todos os dias depois das aulas.

Adorava-a por ser grande, asseada e segura, com os tetos abobadados e o sistema de segurança XPTO, os eletrodomésticos que se escondiam nos armários da cozinha. Andávamos sempre a remexer na coleção de materiais da mãe da Frannie e fazíamos colares de contas, bandejas multituosos com pauzinhos de gelados, *t-shirts tie-dye* e cartões de amizade. Arranjámos um *Slip n' Slide* para o jardim e queimámos a barriga de tanto escorregar nele. Montámos uma tenda de campismo e ficámos lá a dormir durante três noites. No verão, vendíamos limonada na esquina da rua dela; no inverno, chocolate quente. Um dólar cada copo. As coisas corriam bem.

Até ao dia em que, no início do 9.º ano, fiquei a dormir em casa da Frannie. A minha mãe foi para Las Vegas com o namorado, uma viagem de última hora, e eu fui passar o fim de semana a casa da minha amiga. Naquela altura, já estava habituada à inclusão de atividades religiosas na rotina da família. Não me importava. Claro que curvar a cabeça três vezes por dia para rezar me dava grandes dores de pescoço, e nunca percebi as referências ao Livro de Mórmon, quando jogávamos às charadas na Noite da Família, mas também não era muito importante.

Daquela vez, contudo, fui mesmo à igreja com eles. A Frannie emprestou-me um dos seus vestidos em tons pastel com as mangas enfunadas que me fizeram comichão durante todo o serviço. A seguir fui com ela à catequese. E a palestra era sobre como fazer amizade com as pessoas que não tinham amigos. Como era um ato de generosidade, muito caridoso. Como, ao fazê-lo, se estava a cair nas boas graças de Deus. Quando olhei para a Frannie, vi nos seus olhos o brilho do reconhecimento ao sentir-se retratada naquelas palavras, ali

sentada na beira da cadeira, quase a cair, tal era a bondade e generosidade da sua boa ação. Percebi então que eu era a pessoa sem amigos que ela escolhera. O carimbo no cartão das ações caridosas para mostrar a Deus Nosso Senhor. Um projeto que precisava de salvação. Eu era a obra de caridade da Frannie.

Apeteceu-me gritar-lhe na cara que ela também não tinha amigos, que, se não fosse por mim, almoçava todos os dias sozinha na cantina. Mas depois a catequese acabou e ela ficou num semicírculo de colegas a trocar marcadores de livros com versículos da Bíblia. Eram os seus amigos. Afinal, parecia que tinha alguns.

— Bem, se precisares de um ombro amigo ou se quiseres conversar um pouco, sabes que estou aqui para ti — diz-me ela.

— Obrigada, eu sei.

— Não é para agradecer.

A seguir solta-me o braço para podermos regressar aos nossos carros. Procura as chaves na mochila e sinto o aroma do seu batom com brilho de figo, do sabonete de gerânios que cheira a floresta. Sempre gostei do cheiro dela.

— Bem, o meu carro está para aquele lado... — diz, apontando para o *MINI Cooper* brilhante, cor de baunilha, que os pais lhe compraram quando fez dezasseis anos.

— O meu está para aquele — indico, apontando para o meu carro, um *Toyota Camry* de 2001, todo amolgado, que me custou oitocentos dólares e alguns trabalhos de *babysitting* de graça.

— Vemo-nos depois — despede-se a Frannie, virando-me as costas. — E, olha, estava a falar a sério. Estou aqui para ti. Liga-me e podemos falar mais sobre isso.

— Ligo, sim — respondo, embora saiba que não vou ligar.  
Encaminhamo-nos para os nossos carros, em lados opostos do parque.

## 8

— «Venho de Carlos e Sierra» — começa a Vanessa, a voz embargada pela adoração que tem por si mesma. — «Venho do amor. Venho do sol e da lua em Gémeos. Venho de pinos, de limonada e de coragem. Venho do jogo da macaca e de aparelho. Venho do jogo de saltar à corda na relva recém-cortada e das duas bolas de gelado Rocky Road. Sou feita de sonhos e de esperanças.»

Olho para o professor Korgy para ver se ele concorda comigo. Se este é um momento de solidariedade que podemos partilhar. Um momento que nos aproximará, unidos no nosso julgamento. *Sim*, dirão os nossos olhos, *aquilo parecia mesmo um recorte da revista American Girl*.

O professor Korgy mantém-se impassível. A Vanessa olha em redor, expectante. Alguém pigarreia algures.

— Obrigado — diz, inexpressivamente. — Ainda temos tempo para mais um poema.

Está com bom aspeto. Fez a barba, e o casaco de malha roxo é uma escolha mais arriscada do que os casacos cor de terra que usou nos últimos dois dias. Este é, sem dúvida, uma peça mais arrojada, daquelas que provavelmente só usa quando se sente mesmo bem consigo mesmo, porque conseguiu completar as palavras cruzadas do *New York Times* ou porque se

pesou e tinha menos um quilo ou dois do que na semana anterior. Não sei o que está a festejar hoje, mas fico feliz por ele.

Espero estar também com bom aspeto. Aos seus olhos. Acordei quarenta e cinco minutos mais cedo com a ousadia de tentar fazer ondas de praia no cabelo. Vi três tutoriais durante o processo e, quando cheguei à última madeixa, estava a suar profusamente e com dores no braço, mas consegui. Até aquela madeixa rebelde e crespa na parte de trás ficou lisa, sedosa e brilhante. Ninguém jamais saberia dos meus genes. Exatamente como eu gosto.

Também me demorei na maquilhagem. Apliquei *eyeliner* com precisão e simetria, espalhei cuidadosamente o corretor nas manchas da pele e esbati-o com um pincel, em vez de usar o dedo (como costume fazer), enquanto estava sentada na sanita, com uma mão no corretor e a outra no papel higiénico. Hoje até usei o meu rímel «bom» (o da embalagem de viagem da Benefit Fan Fest, que recebi como oferta numa campanha qualquer da Sephora), em vez daquele barato do supermercado, cujo prazo já passou há seis meses.

Abro a porta do roupeiro e procuro, pelas prateleiras apinhadas, as peças que acredito que o professor Korgy vai gostar mais. Quando metade do roupeiro estava em cima da cama, eu já estava a chorar. Senti-me desnorreada, porque uma parte de mim sabe que o meu corpo compensa a vulgaridade do meu rosto, por isso, porque não posso usar este facto a meu favor? A outra parte de mim sabe que o professor Korgy é um homem adulto. Maduro. E os homens maduros e adultos não se deixam impressionar por um par de mamas saltitantes, como acontece com os miúdos do secundário. Têm um gosto mais refinado no que concerne às mulheres. Querem uma mulher culta, que consiga ler um livro e assista a espetáculos de *ballet*.

Uma mulher que valorize o seu corpo o suficiente para não precisar de o exibir. Uma mulher que tenha respeito próprio.

Inicialmente, escolhi uma roupa mais discreta e acadêmica: uma camisa com uma camisola aos losangos, calças com pinças e «meias divertidas». Mas senti-me demasiado sem graça e decidi trocar as calças por uma saia às pregas com *collants*. O meu aspeto melhorou significativamente, mas ainda parecia uma rapariga um pouco ansiosa demais para contar que as suas férias de sonho eram conhecer a região de Hobbiton, na Nova Zelândia. Por isso, tirei os *collants*, mas deixei ficar a saia e a camisa, para manter um ar académico. Depois, vesti um corpete por cima da camisa para evidenciar as curvas do meu corpo e calcei umas botas acima do joelho para apimentar um pouco o conjunto — porque não importa quanto um homem adulto deseje uma mulher que consiga ler um livro, também deseja uma que lhe possa chupar a pila.

— Waldo — diz o professor Korgy. — Porque não partilhas o teu poema com a turma?

Assinto, à medida que uma onda de energia nervosa e escaldante me inunda o corpo. Os meus dedos agarram na folha de papel como uma criança se agarra à borda de um rinque de patinagem.

— «Venho de um parque de caravanas de gentalha branca. Venho de uma mãe carente e demasiado ausente. De um pai sem rosto. Venho de beatas de cigarros e desculpas que ficaram por pedir. De promessas pueris, finas como papel. De um quarto nas traseiras numa casa em festa. Venho de *Hennessy* a mais. De ordenados e esforços mínimos. De erros e arrependimentos. Venho de uma noite ébria e excitada.»

O professor Korgy hesita por um momento e depois acena com a cabeça.

— Muito bem — diz ele. O seu rosto é impassível; diz as palavras sem emoção, mas os seus olhos dizem algo mais. Está impressionado. Gosta de mim. Os seus olhos dizem que me consegue ver.

Depois das aulas, avanço rapidamente pelo corredor, serpenteando por entre a multidão. Abro a porta da casa de banho e fecho-me numa cabina. Fecho a porta com o cotovelo e pego no telemóvel. Com uma mão, abro o Instagram do professor Korgy, enquanto a outra desliza por dentro do cós da saia e da tanga que trago vestida.

A fotografia de perfil está ampliada, do pescoço ao cimo da cabeça, que foi cortado. Tem uma camisa de bombazina castanha — talvez naquele dia não tenha conseguido fazer as palavras-cruzadas do *NYT* — e está a sorrir; os olhos grandes e azuis estão ainda mais deslumbrantes naquela foto do tamanho de uma das minhas unhas. Abro o perfil dele, deliciando-me na minha excitação grotesca. É demasiado entusiasmo para uma fotografia tão pequena. Por uma pessoa que nem conheço. Pelo meu professor.

Mas que mal há numa pequena paixoneta, se é algo que sabe tão bem? Continuo a acariciar-me com a mão direita, enquanto a esquerda continua a passar fotos e mais fotos para cima. Abro uma em que ele está vestido de Woody do *Toy Story*, no Halloween, com o filho ao colo, vestido de Buzz Lightyear, a babar-se para o fato espacial. Abro outra em que está com a mulher, num jantar romântico à luz de uma vela, debruçado sobre uma fatia de bolo de chocolate. Abro outra, que parece ter sido tirada por um fotógrafo profissional, já que estão todos mais bem vestidos, com calças de ganga e partes de cima vermelhas — o professor Korgy com uma camisola de lã e fecho curto, a mulher com uma gola alta e o filho com uma

camisa aos quadrados. Estão num pomar e ele tem um cesto de maçãs na mão. A mulher tem a mão nas suas costas e o miúdo vem a correr para a câmara. Parecem todos tão felizes que a alegria parece estar prestes a rebentar da fotografia. Amplio o rosto dele, como se pudesse aproximar-me o suficiente para ver a verdade. O cansaço. O afastamento. A prova de que aquela foi a única fotografia que se safou de uma sessão de duas horas. Das trezentas fotos que ele e a mulher espalharam na mesa da cozinha, enquanto tentavam escolher a melhor. Frustrados porque numas o miúdo aparecia a gritar, ou ela a franzir o sobrolho, ou ele com um ar demasiado cansado. Frustrados por não conseguirem aproveitar fotos boas. Até que viram aquela. Aquela funcionava. Era a melhor do lote. A única. A mais convincente, que melhor vendia a ideia da «família feliz».

Só que não vejo nada disso no rosto dele.

Por isso, solto os dedos e a foto volta ao tamanho original. Fito a alegria genuína que emana daquela família. É um tipo de alegria que nunca conheci. E, de repente, o que há vinte segundos me fazia sentir tão bem azeda no fundo do meu estômago.

Volto ao perfil e percorro as fotografias para trás, vários anos, até chegar ao início da conta. Abro uma foto onde aparece sozinho. Na mesa à sua frente tem uma casa de gengibre meio decorada. Tem um saco de glacê na mão e um rebuçado colado ao nariz. Está a meio de uma gargalhada enorme, a meio de uma crise de riso, daquelas que só acontecem um par de vezes por ano. Um riso que partilha com a pessoa do outro lado da câmara. Provavelmente a mulher, que talvez naquela altura fosse só sua namorada. Alguém que o conhece de uma forma que eu não conheço.

Mas nesta fotografia não consigo ver aquela pessoa. Por isso, posso fazer de conta que sou eu. Posso fingir que fui eu

quem o fez rir assim, que lhe tirou a fotografia, que o conhece melhor do que ninguém. Começo a acariciar-me ainda mais depressa, muito mais depressa, até o meu corpo se contorcer com as explosões de prazer.

No fim, lavo as mãos, só com água, porque o dispensador de sabonete está vazio. A Vanessa está no lavatório ao lado.

— Gostei do teu poema — diz ela.

— Obrigada.

Fica a olhar para mim, à espera da retribuição do elogio que, em boa verdade, não posso dar, mas elogio-a na mesma, sem verdade, embora ela não pareça reconhecer a diferença. Saio da casa de banho e, a caminho da porta, cheiro os dedos.

**Da autora do *bestseller* n.º 1 do *New York Times*  
*Ainda Bem que a Minha Mãe Morreu*, chega-nos  
um romance triste, divertido e emocionante  
sobre sexo, consumismo, classes sociais,  
desejo, solidão, Internet, raiva, intimidade,  
poder e os extremos (muitas vezes  
equivocados) a que somos capazes  
de chegar para conseguir o que queremos.**

Waldo é insaciável. Ávida. Direta. Ingénua. Sábia. Impulsiva. Solitária. Colérica. Impetuosa. Sofrida. Perspicaz. Vive num eterno estado de carência, e aquilo que mais deseja é o seu professor de Escrita Criativa — aquele que tem a mulher, o filho, a hipoteca e as contas para pagar; o homem dos sonhos frustrados, da aparência desgastada e da barriga saliente. Ela não sabe por que motivo o quer. Será paixão? Será pela sua experiência de vida? Pelo facto de ele conhecer livros, filmes e coisas que ela desconhece? Ou será algo mais puro, enraizado numa ligação improvável, em almas gémeas, no filtro semelhante com que ambos encaram o mundo à sua volta? Ou talvez seja simplesmente pelo facto de ele a ver, quando mais ninguém o faz.

«Um livro maduro e provocador que consolida o estatuto  
de McCurdy como uma escritora talentosa.»

***The New York Times***



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[penguinlivros.pt](http://penguinlivros.pt)

   penguinlivros

ISBN: 978-989-589-977-7



9 789895 899777